

CRÍTICA / TEATRO / A FALECIDA

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Ao ver a abertura de “A Falecida”, com o cenário que reconstrói um caixão, os homens todos iguais com máscara, a pergunta é “que Nelson Rodrigues é esse? A resposta vem rápida. Sergio Modena constrói Nelson, sendo Nelson em sua forma absoluta. Uma montagem capaz de trazer o texto como está escrito, mas com uma contemporaneidade na forma, no que se vê, surpreendente. Essa fórmula conteúdo e forma transforma a atual montagem em uma daquelas que ficam na história.

Os elementos visuais, o figurino, as luzes, a movimentação das mesas só seguem a rubrica de Nelson (sem cenários) ao mesmo tempo que provoca pequenas e agradáveis surpresas. O respeito ao autor é também nos detalhes. As gírias da década de 1950, os maneirismos gestuais, os hábitos, as relações, todos lá, ficam presentes no elenco equilibrado com Camila Morgado, Thelmo Fernandes, Stela Freitas, Gustavo Wabner, Alcemar Vieira, Thiago Marinho e Alan Ribeiro.

O valor de um clássico

Divulgação



Camila compõe uma Zulmira, vingativa, invejosa e ingênua

O que transforma “A Falecida” em memorável? A forma de interpretação de todos os atores é o que se espera em um texto que é chamado de tragédia carioca. Há dramas, tristezas ao mesmo tempo em que acontece uma certa ginga carioca. Uma malemolência

de balneário na voz e nos gestos, do carnaval e das conversas sobre futebol.

Camila compõe uma Zulmira, vingativa, invejosa e ao mesmo tempo ingênua. Difícil fazer uma personagem com todas as contradições. A histórica clássica de Freud que trans-

forma em sintoma todas as mágoas que não pode exprimir. Thelmo é um Tuninho que, sem qualquer exagero, vive num eterno perdedor, o melhor que já vimos por essas plagas. Gustavo é um Timbira como se imagina; Stela faz a picareta cartomante com todo o viés de humor; Alcemar, Alan e Thiago se dividem nos outros papéis dentro da mesma emoção.

Escrita há 70 anos, “A Falecida” entroniza o público que nascia sob a égide da indústria do entretenimento. O futebol, o poder do rádio, o desejo desenfreado do luxo, os valores e os locais sociais dados pelo poder aquisitivo. A produção da dupla Vera Novello e de Ana Velloso é um acerto porque comprova que a alma do teatro é o ator com um texto de qualidade, um diretor primoroso, um elenco que se destaca. Enfim, um clássico em uma encenação criativa é uma obra de arte.

SERVIÇO

A FALECIDA

Teatro Copacabana Palace (Avenida Nossa Sra. de Copacabana, 261)

Até 7/4, às sextas e sábados (21h) e domingos (20h)

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Universo beckettiano

Aos 88 anos, comemorando 25 anos de palhaçaria profissional, Ruth Mezeck, atriz, performer, burlesca, empreendedora cultural e ativista social, estreia a primeira temporada de seu solo, “A Mulher Aquela”, no novo Teatro Cine Jóia até o dia 30, às sextas e sábados. Na peça, dirigida pela palhaça Karla Conká, Ruth dá vida a Clownesse Sassah Coco de La Merde, vulgo Sassah, livremente inspirada na personagem feminina da peça “Dias Felizes” (1961), trazendo para o universo beckettiano a mistura do teatro do absurdo, palhaçaria e muitas brincadeiras.

Divulgação



Makeda, a rainha

“Makeda – A Rainha da Arábia Feliz” conta e canta a história de uma pequena princesa africana predestinada a se tornar a grande Rainha de Sabá. Educada por seu trisavô, os dois tecem longos diálogos em que o sábio ancestral passa à neta importantes lições. A peça destaca a representatividade negra infantil feminina como símbolo de avivamento da autoestima. Com direção e texto de Alex Miranda, a peça tem no elenco Ella Fernandes, Graciana Valladares, Lucas da Purificação e Thiago Justino. Sábados e domingos, às 15h, até 12 de maio, no CCBB RJ.

Divulgação



Para os miúdos

O espetáculo “Os Céus e suas Histórias” tem um ambiente sensorial e lúdico em montagem para crianças pequenas e bebês. No enredo inspirado na astrônoma Annie Maunder, Thiane Lavrador e Júlia Mariano usam elementos de dança e jogos de luz e sombra para convidar os pequenos para uma viagem interestelar. Annie Maunder é uma das primeiras mulheres cientistas de que se tem notícia e, por meio de uma câmera fotográfica projetada por ela mesma, conseguiu uma imagem, até então inédita, de um eclipse solar. Em cartaz no Espaço Sobrevento, de 2 a 24 deste mês.